

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C749a Congresso Nacional de Arquivologia (4. : 2010 : Vitória, ES).
Anais do IV Congresso Nacional de Arquivologia, 19 a 22 de
outubro de 2010. - Vitória, ES : [AARQES], 2010.
1 CD-ROM

Tema: A Gestão de Documentos Arquivísticos e o Impacto das
Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.
ISBN: 978-85-63771-00-1

1. Arquivologia - Congressos. 2. Documentos arquivísticos -
Congressos. 3. Tecnologia da informação. I. Título. II. A Gestão de
Documentos Arquivísticos e o Impacto das Novas Tecnologias de
Informação e Comunicação.

CDU: 930.25

Realização



Patrocínio



Apoio



Parceiros



Agência Oficial



Organização



IV CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA
“A GESTÃO DE DOCUMENTOS ARQUIVÍSTICOS E O IMPACTO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO”
19 A 22 DE OUTUBRO DE 2010 - VITÓRIA-ES

II Encontro Nacional de Arquivos Audiovisuais

A HISTÓRIA DO MERCADO EXIBIDOR CINEMATOGRAFICO LOCAL ATRAVÉS
DA PESQUISA EM JORNAIS E DOS ARQUIVOS PESSOAIS:
UM ESTUDO DE CASO DO “PROJETO CINE MEMÓRIA: A HISTÓRIA DAS
SALAS DE CINEMA DO ES”

André Malverdes*

RESUMO

Este artigo é uma apresentação projeto de pesquisa “Cine Memória: A história das Salas de Cinema do Espírito Santo”, explorando as metodologias qualitativas e quantitativas utilizadas por meio de fontes de informação como a imprensa, a fotografia e o arquivo pessoal como documentos de arquivo. A pesquisa tem entre seus objetivos: analisar a trajetória das salas de exibição cinematográfica no Espírito Santo na Região Metropolitana da Grande Vitória e o papel das políticas da Embrafilme para o cinema nacional no contexto capixaba, no período entre 1901 e 1985; analisar a história das salas de exibição cinematográfica, com destaque para a Região Metropolitana da Grande Vitória, verificando as suas fases até o período de encerramento das atividades do mercado cinematográfico dos “cinemas de calçada”; verificar as políticas protecionistas da Embrafilme no que diz respeito a produção nacional e a sua relação com o mercado exibidor local; identificar por meio de levantamento em jornais, fotografias, arquivos pessoais, entrevistas e revistas a história da exibição cinematográfica na história do Espírito Santo.

PALAVRAS-CHAVE

Exibição cinematográfica; cinema; arquivos pessoais.

* Mestre em História Social e Professor do Departamento de Arquivologia da UFES.

1 APRESENTAÇÃO

A história da arte cinematográfica e da indústria do cinema no Espírito Santo tem aspectos interessantíssimos a serem investigados adequadamente que demonstrarão como, desde os primórdios do último século, a sociedade urbana capixaba incorporou ir ao cinema à vida cotidiana e conviveu com as fachadas dos cinemas cobertos de cartazes que compuseram o cenário das ruas da cidade na época dos “cinemas de calçada”¹.

A primeira projeção cinematográfica reconhecida na história, pelo menos com objetivo comercial, foi em 1895, no salão indiano Grand Café, no boulevard Capucines em Paris com o Cinematógrafo Lumière. Em 1896, o cinema chegou ao Brasil e as primeiras exhibições ocorreram na Rua do Ouvidor no Rio de Janeiro (MALVERDES, 2008, p.19.).

De acordo com Fernando Tatagiba, em *A História do cinema capixaba* (1998), o Éden Cinema foi palco das primeiras exhibições com fins comerciais no Estado. Foi inaugurado em 13 de janeiro de 1907 e pertencia à empresa Camões & Mayo, o que é confirmado com a publicação no Jornal Oficial de 15 de janeiro de 1907.

Podemos situar a história da exibição cinematográfica no Espírito Santo em três momentos distintos. O primeiro momento, compreendido entre 1907 e 1930, era dos filmes curtos, com apresentações em parques e teatros. Com o cinema mudo era necessário o acompanhamento de orquestras e técnica do teatro para dar o som e o sentido dos movimentos do filmes.

Num segundo momento, as salas ganharam as cidades, os bairros e o interior. Acompanhado de uma expansão urbana, a ampliação da eletricidade, os bondes elétricos e a urbanização o cinema ganha sinônimo de modernização e desenvolvimento aos bairros e cidades que contavam com uma sala de exibição. No “escurinho dos cinemas” a cidade vivia o momento das grandes salas que chegavam a 1.200 lugares disputados por todos como forma de *status*, como ocorreu na estréia de filmes oriundos da Atlântida e Vera Cruz.²

¹ Termo utilizado para designar os cinemas de rua, em oposição aos cinemas do shopping, no qual ao passeio e a calçada era o principal meio de locomoção do espectador pelas várias salas que existiam na cidade.

² Companhias cinematográficas que marcaram grandes lançamentos do cinema nacional, no caso da Atlântida os filme das Chanchadas (Gênero cinematográfico que marcou a década de 50) levava multidões às salas.

Num terceiro momento houve uma retração do público e uma diminuição das salas. Entre 1975 e 1985 houve um significativo desmantelamento do parque exibidor nacional, uma ascensão da pornochanchadas como gênero e uma mudança da geografia das salas.

Segundo Tatagiba (1998), Vitória chegou a funcionar com 13 (treze) salas de cinema. Em levantamento realizado na pesquisa constatamos mais de 65 salas funcionando em todo o Espírito Santo. O registro, fotografias e informações sobre essas salas só foram possíveis graças a pesquisa nos arquivos pessoais dos ex-proprietários, ex-funcionários e ex-frequentedores das salas de exibição.

O termo arquivos pessoais, para fim dessa pesquisa, pode ser definido como o conjunto de documentos produzidos e/ou pertencentes a uma pessoa, indivíduo, resultados de uma atividade profissional ou cultural específica. Ressaltamos que a uma distinção entre os acervos pessoais dos arquivos privados, que podem ser constituído por uma instituição, e, também, dos acervos familiares, que são formados por uma transmissão em várias gerações (VIDAL, 2007, p.4). No nosso caso os arquivos pessoais foram as fontes que possibilitaram a reunião do acervo em questão e completaram a pesquisa realizada em arquivos públicos no estado.

Além dos acervos tradicionais trabalhamos sobre essa vivência com a história oral, um procedimento integrado que privilegia a realização de entrevistas e depoimentos com pessoas que participaram do processo histórico ou testemunharam acontecimento objetivando a construção de fontes que subsidiam a pesquisa e o acervo sobre a história das salas de cinema no Espírito Santo.

Compreendemos como história oral o procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2006, p.15). De acordo com Meihy (*apud* DELGADO, 2006), é um procedimento de produção de conhecimento, que envolve o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem de gravação.

No que diz respeito à memória são inúmeros os seus significados. Para Marilena Chauí: “a memória é uma evocação do passado. É a capacidade humana de reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 1995, p. 125). Justamente a memória que permite a sobrevivência do passado, conforme

asseverou Jacques Le Goff (1990), mediante o exercício do pensamento simbólico, a história se eterniza na consciência humana.

O trabalho de pesquisa de normalização descritiva do acervo é de suma importância na potencialização do processo de geração de conhecimento desse acervo. A padronização da descrição através das Normas Brasileiras de Descrição tem como objetivo proporcionar uma maior qualidade ao trabalho técnico, contribuir na economia dos recursos aplicados e a otimização das informações recuperadas (BRASIL, 2006).

Observamos em nossos estudos que, no período entre 1979 e 1985, o número de salas de cinema no Espírito Santo caiu pela metade, entretanto, observamos que não podemos pensar na perda do prestígio do cinema apenas pelos efeitos atribuídos à televisão, freqüentemente, considerada a grande vilã nessa história.

Sobre o encerramento das atividades do mercado exibidor cinematográfico, há uma conjugação de fatores, como as mudanças de hábitos da população urbana, a queda da rentabilidade das salas (que levaria vários proprietários a mudar de ramo e investir menos nas melhorias das salas), violência nas ruas, transporte coletivo deficiente, problemas de estacionamento, entre outros. Por parte dos proprietários das salas, vários fatores foram apontados como razões para a diminuição do número de freqüentadores de cinema. Alegavam que a valorização imobiliária do Centro fez com que alugassem ou colocassem a venda seus imóveis. Segundo eles o ramo do cinema dava muito trabalho e os impostos eram excessivos, além dos custos elevados da manutenção (aluguéis, salários, taxas, etc.). Apontavam, também, a obrigatoriedade de exibição dos filmes nacionais e a “baixa” qualidade dessa produção como motivo do afastamento do público (MALVERDES, 2008).

O acervo fotográfico “História da Exibição Cinematográfica no Espírito Santo” é composto por 82 itens fotográficos, sendo todos cópias digitalizadas colorida e em preto e branco, reproduzidas a partir de originais de vários acervos, a saber: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Arquivo Municipal de Vitória, Biblioteca Central da UFES/Coleções Especiais, arquivos pessoais de Marcelo Abaurre, os irmãos Rubens e Penha Caretta e Valéria Rocha Dias Lopes e do fotógrafo José Tatagiba. Também existem entrevistas gravadas em áudio e vídeo no total de nove entrevistas e aproximadamente oitenta matérias de jornais de jornais e revistas, além de registro da Junta Comercial e Prefeituras.

Para melhor descrição das imagens que contam em detalhes esta história, está sendo de fundamental importância não somente trabalharmos os referenciais teóricos existentes como também a história oral, ou seja, os relatos de pessoas que viveram nas décadas passadas ou que são profundas conhecedoras do tema com o objetivo de retratar a história de cada imagem.

2 A PESQUISA E A UTILIZAÇÃO DOS JORNAIS COMO FONTE DE INFORMAÇÃO

Os jornais e revistas são importantes fontes de informação como documentos históricos para identificar uma determinada época e lugar. No Brasil, a imprensa periódica nasceu há mais de 200 anos com a imprensa Régia, que hoje é a Imprensa Nacional, fundada em 13 de maio de 1808. No Espírito Santo temos registro do jornal *Estafeta*, criado em 1840 e considerado pela historiografia capixaba como sendo a primeira tipografia do estado. (BRITTES, 2010)

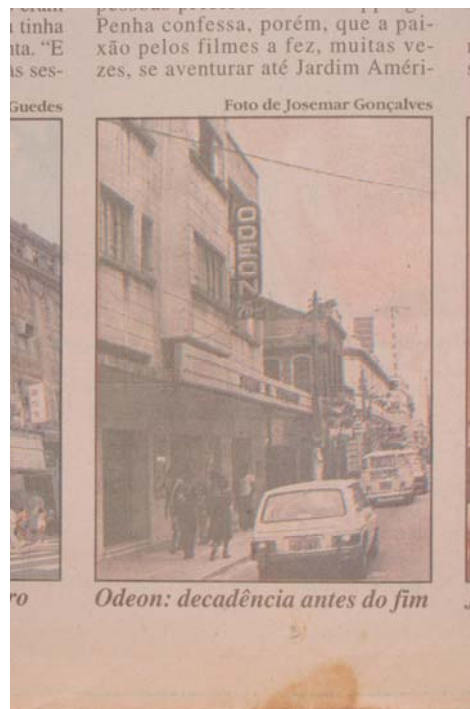
Os jornais, além de servir como fonte de informação noticiosa e narrativa ideológica, para demandas específicas, agrega elementos virtuais valiosos a partir do momento que a fotografia passa a ser utilizada na história da imprensa. Essas imagens sempre vêm acompanhadas de um contexto e uma legenda que favorece a identificação e a contextualização das mesmas. Outro item importante na utilização dessa fonte é a infografia, e no nosso caso, os anúncios dos filmes, da inauguração das salas, das grandes estréias que ocupavam por vezes as páginas inteiras ou até mesmo o destaque da capa. (TEIXEIRA, 2008, p.67)



IMAGEM 1 - Capa do Jornal A Gazeta sobre a inauguração do Cine São Luiz, em 1951, que contou com a presença de autoridades e o elenco do filme AVISO AOS NAVEGANTES, entre eles Eliana, Anselmo Duarte e Ilka Soares, uma chanchada de grande bilheteria lançado pela Atlântida.

No início da pesquisa encontramos um número muito reduzido de imagens nos arquivos públicos. Apesar de termos um parque exibidor expressivo ao longo de nossa história, o assunto não contou com um material expressivo nos arquivos públicos disponíveis no estado. Algumas imagens como do Cine Odeon e o Cine Drive Camburi só foram possíveis graças a recuperação em edições de *A Gazeta*.

IMAGEM 2 – Foto do Cine Odéon, retirado do Jornal A Gazeta, de 1986, localizado na av. Jerônimo Monteiro.



O jornal *A Gazeta* iniciou-se em 1928 e serviu além das fontes citadas acima para um levantamento do gênero cinematográfico exibido nas salas locais. No início dos trabalhos foi necessário identificarmos os filmes exibidos nas salas para entendermos melhor a dinâmica da exibição no período de 1979 a 1985 (quando houve maior número de encerramento das atividades das salas de exibição em nível nacional e local). Todavia, o acervo da Embrafilme não estava disponível para pesquisa e não havia nenhum material que pudesse trazer à tona esse contexto na relação exibidor/espectador referente ao período.

Para alcançarmos essa informação foram necessários quatro meses de pesquisa. Identificamos nos cadernos de cultura do jornal (Caderno Dois), disponível em microfilme pelo Arquivo Público Estadual do Estado do Espírito Santo, um levantamento dos filmes exibidos catalogando o título, gênero, nacionalidade, data e sala de cada filme. Essa pesquisa totalizou 2.723 filmes catalogados, que

possibilitou, além da programação, a identificação das salas que não haviam sido analisadas, crônicas sobre a situação da cultura cinematográfica no estado, fotos das salas, festivais de cinema, matérias sobre o encerramento, entre outras.

Gênero do filme	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	Total
Aventura	360	200	167	175	148	119	112	1.281
Comédia	31	19	26	30	42	35	48	231
Desastre	3	5	1	1	-	-	-	10
Desenho	9	1	1	1	3	2	-	17
Documentário	5	3	9	-	1	4	1	23
Drama	30	33	16	16	21	24	13	153
Faroeste	30	26	19	8	10	2	1	96
Ficção	6	7	5	6	2	5	10	41
Musical	5	9	10	4	5	14	7	54
Policial	10	3	4	3	4	7	7	38
Pornochanchada	90	78	66	100	75	100	16	525
Suspense	12	1	-	2	5	6	4	30
Terror	4	7	4	6	5	10	7	43
Sem Classificação	3	25	8	24	5	15	1	81
Curta-metragem	-	-	5	10	2	-	-	17
Pornô	-	-	-	-	-	-	83	83
Total 2	598	417	341	386	328	343	310	2.723
Total de salas no ES	30	28	24	19	20	17	15	
Total de salas em Vitória	10	9	8	5	5	5	4	

Com essas informações foi possível avaliar o papel da Embrafilme na obrigatoriedade do cinema nacional nas salas de exibições locais, a influências do filmes holywoodiano no período em questão, a participação das pornochanchadas e sua aceitação pelo público na última fase dos cinemas de calçadas no centro da cidade, o impacto da abertura da censura e a liberação dos filmes pornôs nas salas a partir de 1985 para a mudança do perfil do público nas salas do centro, etc.

Outros jornais foram de fundamental importância na pesquisa. Entre eles destacamos o *Commercio do Espírito Santo*, o *Jornal Oficial* e a *Folha do Povo*, que permitiram identificar respectivamente a primeira exibição cinematográfica feito no estado, em 1901, com o Biographo Lumière; a inauguração do Edén Parque, que foi a primeira sala com exibição cinematográfica no molde que conhecemos, em 1907; e o incêndio do Teatro Melpômene, durante uma exibição cinematográfica em 1924.

No Eden Parque

No meio de significativa concorrência, realizou-se no sabbado ultimo, naquello excellento ponto de diversão, a estrêa do cynematographo dos Srs. Camões e Mayo.

Além de varios quadros animados, foram reproduzidas diversas vistas fixas e photographias de alguns illustres personagens; e, dentro ellas, nos offereceu o Sr. Victor de Mayo, não só a effigie do Exmo. Sr. Coronel Henrique Coutinho, dignissimo Presidente do Estado, como tambem a do illustre homem publico o Exmo. Sr. Coronel Augusto Calmon, recebendo-os com applausos os circumstantes que, emfantes calorosamente proromperam em entusiastica salva de palmas a effigie do inesquecivel Marechal Floriano Peixoto.

Foram tambem reproduzidas as fachadas dos estabelecimentos *Pan Americano*, de propriedade do Sr. Rufino Azevedo e a da *Casa Wellisch*.

O aparelho dos Srs. Camões e Mayo, podemos dizer é um dos melhores que tem vindo a esta capital.

Hoje haverá nova função na qual será exhibido um programma inteiramente novo e de quadros todos animados.

IMAGEM 3 – Anúncio sobre o cinematógrafo no Éden Parque

No Éden Parque - No meio de significativa concorrência, realizou-se no sabbado ultimo, naquello excellento ponto de diversão, a estrêa do cynematographo dos Srs. Camões e Mayo.

Além de vários quadros animados, foram reproduzidas diversas vistas fixas e photographias de alguns illustres personagens; e dentro ellas, nos offereceu o Sr. Victor de Mayo, não só a effigie do Exmo. Sr. Coronel Henrique Coutinho, dignissimo Presidente do Estado, como tambem a do illustre homem publico o Exmo. Sr. Coronel Augusto Camon, recebendo-os com applausos os circumstantes que, calorosamente proromperam em entusiastica salva de palmas à effigie do inesquecível Marechal Floriano Peixoto.

Foram também reproduzidas as fachadas do estabelecimento *Pan Americano*, de propriedade do Sr. Rufino Azevedo e da *Casa Wellisch*. O aparelho dos Srs. Camões e Mayo, podemos dizer que é um dos melhores que tem vindo a esta capital.

Hoje haverá nova função na qual será exhibido um programa inteiramente novo e de quadros animados. (Jornal Official, 15/01/1907)

Estamos atualmente realizando o inventário e a digitalização da Revista “Vida Capixaba”, fundada em 1923 e que conta com um acervo disponível até 1970. Material que contém imagens fotográficas, propagandas comerciais e crônicas sobre o cotidiano capixaba. Além do inventariado estamos digitalizando as fontes para disponibilizar o material futuramente aos interessados pelo tema nos arquivos e bibliotecas públicas do estado.

3 A IMPORTÂNCIA DOS ARQUIVOS PESSOAIS E DA HISTÓRIA ORAL PARA A PESQUISA

No início dos trabalhos, quando nos deparamos com a escassez de documentos nos arquivos públicos, procuramos identificar os ex-proprietários e familiares das salas de cinema, como também ex-funcionários e freqüentadores que pudessem contribuir de alguma forma com seus arquivos pessoais e memórias na identificação das fontes já levantadas e/ou pudessem fornecer novos subsídios para a pesquisa.

Identificamos como arquivos pessoais as mais diversas formas de escrita de si e o acúmulo de documentos e registros relativos à vida pessoal, cultural e pública de uma pessoa, tendo entre elas a forma narrativa, as biografias, as autobiografias, as memórias e a história de vida. A valorização do indivíduo como sujeito histórico possibilitou o preenchimento de determinadas brechas deixadas pela documentação

no que diz respeito ao cotidiano, ao comportamento e às experiências de vida. (TANNO, 2007, p.110) Temos que distinguir os arquivos pessoais dos arquivos privados, que podem ser referente a uma instituição, e também, dos acervos familiares, que compreende uma transmissão entre várias gerações. O alcance cronológico dos arquivos pessoais não ultrapassa a vida do indivíduo que o constituiu.

Nos acervos pessoais dos entrevistados foi possível recuperar cartas, fotografias, recortes de jornais, ingressos, anotações. E a cada novo entrevistado esses “objetos biográficos” (BOSSI, 2003) serviam como documentos significativos, que funcionavam como fontes estimulantes no processo narrativo auxiliando nas lembranças no decorrer das falas sempre carregadas de significado do passado.

Sobre a história oral e sua importância para o processo histórico Delgado (2006, p.70) destaca que:

A história oral, ao atuar na produção de documentos que têm como referência simultaneamente o conhecimento de processos históricos específicos e a memória individual dos depoentes, é um espaço vivificados da relação fértil entre a história e a memória. É também um método, um meio para a produção do conhecimento, potencializando uma rica visão temporal: sobre o passado vivido, sobre o presente no qual o depoimento está sendo colhido e sobre o futuro, uma vez que o registro de experiências é, na maior parte das vezes, realizado com desejo de transmissão e perenização de experiências.

Identificamos na história do parque exibidor cinematográfico quatro famílias que se destacaram, entre elas três receberam o projeto de pesquisa e abriram seus arquivos pessoais e aceitaram registrar suas entrevistas para a pesquisa. O Sr. Marcelo Abaurre que tem no seu pai, já falecido, o Sr. Dyonisio Abaurre, a inserção da exibição cinematográfica nos negócios da família. Marcelo tem um verdadeiro tesouro de “reliquias do passado cinematográfico capixaba”. Entre eles cartazes, cadeiras das salas, projetores, fotos, anotações de Dyonissio Abaurre, filmes e uma memória espontânea de grande valor para a identificação da trajetória das salas e da documentação recolhida.



IMAGEM 4 – Foto do Cine Jandaia: O cinema estreou com o filme O GRANDE SULLIVAN, em 22 de julho de 1955. Sala de propriedade da Empresa Dionysio Abaurre Com.Itda. Acervo Marcelo Abaurre.

É necessário nesse contexto avaliarmos até onde os acervos pessoais, “tão procurado pelos historiadores por sua capacidade de revelar as sensibilidades de uma pessoa e, por extensão, de um grupo, poderiam colaborar para a obtenção de um entendimento mais sutil dos fenômenos da memória coletiva” (VIDAL, 2007, p.7). Todos os entrevistados tiveram alguma participação na atividade de exibição cinematográfica, sendo assim, em algum momento suas histórias individuais se misturaram a história coletiva da exibição cinematográfica no estado.

Algumas fotografias são únicas e só foram possíveis graças a cessão pelos entrevistados. No acervo pessoal de Valéria Rocha Dias Lopes, entre seus documentos estavam as fotografias do Cine São Luiz, que contou com a presença de Luiz Severiano Ribeiro, do elenco do filme da Atlântida “Aviso aos Navegantes” e de autoridades locais (um total de 8 fotografias da estréia).

Vale destacar que ir ao cinema, pelo menos uma vez por semana, com sua melhor roupa era uma questão de status, e as inaugurações eram extremamente concorridas. No caso do Cine São Luiz era um cinema que estava numa área nobre da época e num edifício, que tinha o nome de seu proprietário Edgar Rocha, considerado de grandes proporções para o período.



IMAGEM 5 - Cine São Luiz, 1951 – Inauguração com presença de autoridades e o elenco do filme AVISO AOS NAVEGANTES, uma chanchada de grande bilheteria lançado pela Atlântida. Acervo Valéria Rocha Dias Lopes.

Destacamos aqui o alerta para os pesquisadores que utilizam esse tipo de arquivo para a importância de acelerarmos os registros e a catalogação desse acervo tendo em vista que o não tratamento das informações proporciona o risco de perdemos para sempre o potencial dessa documentação. Isso acontece porque a transmissão desse tipo de arquivo para as gerações descendentes não consegue acompanhar a riqueza de memória individual de seus detentores e que sem elas dificilmente serão recuperadas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Cine Memória: A história das Salas de Cinema do Espírito Santo” atualmente está registrado junto à Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFES pelo Departamento de Arquivologia do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. Conta com três alunos de iniciação científica e um monitor. Ao longo dos sete anos de pesquisa foi possível reunir 82 fotografias, 60 reportagens e 7 entrevistas que estão sendo inventariadas e tratadas pelo projeto para ser disponibilizado aos centros de informações, arquivos e bibliotecas. Lembrando que essa coleção do projeto não possui nenhum documento original, todos são digitalizados e devolvidos aos seus acervos pessoais de origem.

Além disso, conta com uma publicação, o livro *No escurinho dos cinemas: A história das salas de exibição na Grande Vitória*, editado pela lei de incentivo a cultura do município da Serra, a Lei Chico Prego. Já foi realizada uma exposição histórica pela lei de incentivo a cultura do município de Vitória, a Lei Rubem Braga e atualmente foi contemplada para uma segunda edição da exposição pela Fundo de Incentivo a Cultura (FUNCULTIRA), da Secretaria Estadual de Cultura do Governo do Estado do Es.

Essas ações são de vital importância para identificarmos novas fontes, depoentes e possíveis anacronismos no identificar das fotografias e documentos. Durante as apresentações, exposições e circulação do livro foi possível conhecer novos personagens dessa história que continuam contribuindo com o acervo, seja com documentos textuais ou com narrativas sobre a história das salas de cinema no Espírito Santo.

BIBLIOGRAFIA

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da Memória. Ensaios da Psicologia Social.** São Paulo: Atelier Editorial, 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

BRITTES, Juçara Gorski. **Aspectos históricos da Imprensa Capixaba.** Vitória: Edufes, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia.** São Paulo: Ática, 1995.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 1999.

MALVERDES, André. **No escurinho dos cinemas: A história das salas de exibição na Grande Vitória.** Vitória: 2008.

TATAGIBA, Fernando. **História do Cinema Capixaba.** Vitória. PMV. 1988.

TANNO, Janete Leiko. **Os acervos Pessoais: Memória e identidade na produção e guarda dos registros de si.** UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007 p.110.

TEIXEIRA, Nísio. Jornais. In: CAMPELLO, Bernadete Santos, CALDEIRA, Paulo da Terra (orgs). **Introdução às fontes de informação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

VIDAL, Laurent. **Acervos pessoais e Memória Coletiva – alguns elementos de reflexão.** UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007. P.1

IMAGENS

Arquivos Pessoais

MArcelo Abaurre

Penha Caretta

Valéria Rocha Dias Lopes

Jornais

A Gazeta

Jornal Oficial